

**ASSOCIAÇÃO JUIINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

9,0

A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA NECESSIDADE URGENTE.

Zélia Borgert Schlickmann de Almeida

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida

**ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA NECESSIDADE URGENTE.

Zélia Borgert Schlickmann de Almeida

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida

Trabalho apresentado ao curso de pós-graduação da ASSOCIAÇÃO JUIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA – AJES, como exigência parcial para obtenção do título de Especialização Psicopedagogia.

ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Zélia Borgert Schlickmann de Almeida

Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida
Orientador

NOTA / CONCEITO

RESUMO

O presente trabalho surgiu da percepção da falta de motivação e interesse que os indivíduos de um modo geral, principalmente os estudantes, demonstram em relação à leitura, considerando que são através da leitura que são adquiridos, em grande parte, os conhecimentos necessários para a participação ativa na sociedade. Analisar e refletir sobre as questões relacionadas à leitura se faz necessário por viver em um mundo em constante evolução, onde o avanço tecnológico transforma as relações sociais, culturais e de trabalho fazendo com que a sociedade torne-se cada vez mais competitiva. É importante que o indivíduo esteja preparado para exercer o seu papel com autonomia, mostrando-se capaz de participar ativamente da vida social, política econômica e cultural da sociedade. A leitura tem relevante papel na transformação do indivíduo e da sociedade, pois, são através de leituras realizadas dentro e fora da escola que são adquiridos os conhecimentos que possibilitam a construção de um sujeito capaz de interagir de maneira positiva no mundo em que vive.

Palavras-chave: Leitura. Aprendizagem. Psicopedagogia. Construção.

“Onde o espírito vive sem medo e a fronte se mantém erguida; Onde o saber é livre; onde o mundo não foi dividido em pedaços por estreitas paredes domésticas; Onde as palavras brotam do fundo da verdade; Onde o esforço incansável estende os braços para a perfeição; Onde a clara fonte da razão não perdeu o veio no riste deserto de areia do hábito rotineiro; Onde o espírito é levado à Tua Presença, em pensamento e ação sempre crescentes; Dentro desse céu de liberdade, ó meu Pai, deixa que se erga minha pátria. (...) Para que possam crescer felizes as crianças.”

(Rabindranath Tagore-Gitanjali).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

Aos meus alunos da Primeira Etapa do CBA, que aprenderam desde cedo o prazer da leitura.

Aos meus filhos André e Caíque, que aprenderam a gostar de ler com as histórias que eu lia para eles na infância.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte suprema onde encontrei força, coragem e luz para continuar, quando o cansaço e o desânimo faziam parte da caminhada.

Aos meus pais, que me ensinaram com seus exemplos, com sua vivência, que devemos aproveitar todas as oportunidades que a vida nos oferece.

Aos professores do curso, que tornaram esse sonho possível.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I	
A LEITURA E A SOCIEDADE.....	11
1.1. – A necessidade da leitura.....	11
1.2. – Conceito, historicidade e função social.....	13
1.3. – O processo de aquisição da leitura.....	18
1.3.1. – A importância da família na formação do leitor.....	19
1.3.2. – O papel da escola e do professor.....	20
1.4. – A leitura na escola.....	22
1.4.1. – Uma análise da realidade.....	24
1.4.2. – Uma prática possível e transformadora.....	28
CAPÍTULO II	
A VIVÊNCIA DE LEITURA: ANALIZANDO A REALIDADE DA	
COMUNIDADE ESCOLAR.....	32
2.1. – A pesquisa na escola.....	32
2.2. – Alunos e a leitura.....	33
2.3. – Pais e a leitura.....	35
2.4. – Professores e a leitura.....	36
CAPÍTULO III	
UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA E SUA INFLUÊNCIA NA	
FORMAÇÃO DE LEITORES.....	40
3.1. – Breve reflexão sobre as práticas de leitura.....	40
CAPÍTULO IV	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS.....	48

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da percepção da falta de motivação e interesse que os indivíduos de um modo geral, principalmente os estudantes, demonstram em relação à leitura, considerando que é através da leitura que são adquiridos, em grande parte, os conhecimentos necessários para a participação ativa na sociedade.

Analisar e refletir sobre as questões relacionadas à leitura se faz necessário por viver em um mundo em constante evolução, onde o avanço tecnológico transforma as relações sociais, culturais e de trabalho fazendo com que a sociedade torne-se cada vez mais competitiva. É importante que o indivíduo esteja preparado para exercer o seu papel com autonomia, mostrando-se capaz de participar ativamente da vida social, política econômica e cultural da sociedade.

A leitura tem relevante papel na transformação do indivíduo e da sociedade, pois, é através de leituras realizadas dentro e fora da escola que são adquiridos os conhecimentos que possibilitam a construção de um sujeito capaz de interagir de maneira positiva no mundo em que vive.

Este trabalho tem como objetivo salientar a importância da constituição de leitores proficientes para a formação de cidadãos críticos e participativos, bem como refletir sobre questões que envolvem a leitura. Na intenção de desvendar causas que interferem na formação de leitores e auxiliar na busca de alternativas que contribuam para solucionar as dificuldades enfrentadas pela escola e pelos

professores no tratamento dispensado à leitura na sala de aula e à formação da competência leitora de seus alunos.

Não seria possível abordar a formação de leitores sem fazer um profundo estudo teórico do conceito de leitura, da sua evolução histórica e função social.

É fundamental que seja abordado também a maneira como ocorre a aquisição da leitura na vida do indivíduo, quem são os responsáveis no sentido de facilitar esse processo e quais são as questões que interferem positiva ou negativamente na constituição da competência leitora. Essa abordagem teórica será apresentada no capítulo I.

Considerou-se também necessário pesquisar as práticas de leitura de todos os segmentos da comunidade escolar (alunos, pais e professores) para analisar a maneira que a leitura é vivenciada por eles, qual o grau de importância e necessidade que a leitura ocupa no seu dia-a-dia. Os resultados da pesquisa realizada serão apresentados no capítulo II.

O capítulo III será reservado para a realização de uma análise dos resultados da pesquisa apresentada no capítulo anterior. E posteriormente no capítulo IV encontram-se as considerações finais deste trabalho.

CAPÍTULO I

A LEITURA E A SOCIEDADE

Neste capítulo apresenta-se uma breve reflexão sobre a necessidade da leitura na vida do indivíduo enquanto cidadão participativo, inserido em uma sociedade em constante evolução. Aborda-se o conceito de leitura, a maneira como ela se desenvolveu e adquiriu importância através dos tempos, desde os primórdios da civilização com as inscrições rupestres, até os dias atuais com o advento da tecnologia. Em seguida, trata-se da maneira como ocorre a aquisição da leitura na vida do indivíduo e da importância que a família, a escola e o professor ocupam como envolvidos e responsáveis por este processo.

1.1 – A NECESSIDADE DA LEITURA

Atualmente as exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões da vida das pessoas: ao trabalho, à participação social e política, à vida familiar e comunitária, às oportunidades de lazer e desenvolvimento cultural.

Devido ao avanço tecnológico as relações sociais, culturais e de trabalho estão em transformação e a sociedade tornando-se cada vez mais

competitiva. O indivíduo precisa estar preparado para exercer o seu papel de cidadão autônomo, mostrando-se capaz de participar ativamente e corresponder a todas as exigências da sociedade.

A leitura tem papel fundamental na transformação do indivíduo e da sociedade, considerando que, em grande parte, os conhecimentos são adquiridos através de leituras realizadas na escola e fora dela.

Para compreender o mundo em que vive e fazer parte dele, é imprescindível que o indivíduo seja leitor proficiente, cujo processo de desenvolvimento tem início através dos primeiros contatos com material de leitura e vai evoluindo de acordo com as possibilidades e oportunidades em que cada um está envolvido. No entanto, é a escola que tem papel principal na formação do leitor.

A aquisição da leitura é uma experiência marcante na vida escolar de qualquer pessoa. A partir da leitura o indivíduo adquire conhecimentos e melhora suas relações consigo mesmo e com os outros. Porém, de acordo com pesquisas do Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional (INAF) é possível perceber que um grande contingente da população, mesmo tendo freqüentado a escola, apresenta dificuldades significativas em relação à leitura, no que diz respeito a interpretar e compreender até mesmo os textos mais simples. Em decorrência dessas dificuldades, enfrentam também problemas para exercer seu papel de cidadão autônomo na sociedade.

As dificuldades de interpretação e compreensão da leitura são decorrentes da deficiência na formação de leitores que advém desde as séries iniciais e perduram durante toda a vida escolar, onde os alunos não encontram significado, nem objetivos nas atividades de leitura que são desenvolvidas na escola. E, como não vêem na leitura uma fonte de conhecimento ou prazer, também não tem interesse em ler fora da escola. E, de acordo com CAGLIARI (1995:150), *“As pessoas que não lêem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimento”*.

Como a responsabilidade maior com a formação de leitores é delegada à escola e ela deixa de exercer ou exerce de maneira negligente esse papel, está colaborando para a formação de analfabetos funcionais, ou seja, indivíduos que não conseguem encontrar sentido algum na leitura porque, simplesmente, não entendem o que lêem e, por isso, muitas vezes são profissional e socialmente marginalizados.

1.2 - CONCEITO, HISTORICIDADE E FUNÇÃO SOCIAL

O ato de ler tem início na vida do indivíduo no momento em que ele começa a entender o mundo que o cerca, ter as primeiras experiências, as primeiras emoções, as primeiras aventuras. A partir das relações com as pessoas da família, do contato com os objetos do mundo particular e querido que envolva o indivíduo, vai surgindo e aumentando a capacidade de perceber e compreender os sinais, o espaço, os objetos do contexto em que vive. De acordo com FREIRE (2003): *“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”*.

Nesse sentido a leitura não se restringe apenas à decodificação ou decifração de sinais gráficos. Seu conceito vai muito além da linguagem escrita. Ler também é compreender o tempo, o espaço, os objetos que nos rodeiam, as pessoas e as situações com as quais nos envolvemos no cotidiano.

Segundo SMITH (1999) a leitura é um processo que não depende somente da capacidade de decifrar sinais e sim de compreendê-los e dar sentido a eles.

De acordo com essa análise, a leitura abrange duas operações essenciais que se completam, a decodificação e a compreensão.

Por decodificação compreende-se a capacidade de identificar um símbolo gráfico por um nome ou por um som. Esta capacidade ou competência lingüística está relacionada ao reconhecimento de letras ou signos gráficos.

A compreensão é a captação do sentido ou conteúdo das mensagens escritas. Sua aprendizagem ocorre através do domínio progressivo dos textos e também da interiorização das informações, que são assimiladas e comparadas com conceitos e informações já apreendidas anteriormente. Ou seja, o leitor constrói o significado do texto não só através da interlocução com o autor, mas também de acordo com seus conhecimentos prévios, com a relação com os outros textos e com seus objetivos em relação à leitura.

A leitura deve ser compreendida como parte de um processo mais amplo: o letramento, que se configura como um processo de apropriação dos usos da leitura e da escrita nas diferentes práticas sociais. Pois, como diz LAJOLO (apud GERALDI, 1987):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, conhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO apud GERALDI, 1987:91).

Embora cada texto já traga implícito o significado que o autor teve a intenção de dar, cada leitor faz uma leitura diferente e extrai informações diferentes do mesmo texto, de acordo com o leque de objetivos e finalidades de cada um.

Os objetivos e finalidades de leitura podem ir desde ler para obter informações, seguir instruções, realizar uma determinada atividade como cozinhar, conhecer as regras de um jogo, para informar-se sobre um determinado fato, para confirmar ou refutar um conhecimento prévio, até ler para preencher um momento de lazer ou, simplesmente, devanear.

A aprendizagem da leitura se desenvolve na convivência com os outros e com o mundo, envolvendo não só o conhecimento da língua e sim todo um sistema de relações interpessoais relacionando a expressão do indivíduo, seus conhecimentos e suas circunstâncias de vida. De acordo com LERNER (2002):

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita. (LERNER, 2002:73).

O indivíduo está realmente lendo quando é capaz de organizar os conhecimentos adquiridos através da leitura, a partir das situações que a realidade lhe impõe e da sua atuação nela; quando estabelece relações entre a leitura e as experiências e tenta resolver os problemas que lhe são apresentados.

O conceito de leitura está intimamente ligado ao processo de formação integral do indivíduo, à sua capacitação para conviver e atuar de forma autônoma participando ativamente da vida social, política, econômica e cultural da sociedade na qual está inserido. Pois *“Ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ler pelos olhos de outrem”*. (MARTINS, 1989:23).

E, a formação do indivíduo só será integral se o hábito de ler for constituído de forma abrangente, compreendendo a verdadeira função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade, que é ajudá-lo a inteirar-se do mundo e dar sentido a ele, criando sua própria autonomia, incorporando experiências de leitura à realidade que o envolve.

Nesse sentido, a leitura não pode ficar restrita aos livros e aos textos escritos nas escolas ou outras instituições. Devem sim estar relacionada ao contexto de vida de cada indivíduo, a família, os amigos as diversões e atribuições diárias, os meios de comunicação de massa, enfim, ao contexto geral em que o leitor está inserido.

A leitura assim ampliada para além do contexto escolar e dos textos escritos, incorporada à realidade do indivíduo permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais e as várias culturas, bem como incentiva a consciência crítica e aponta alternativa. Pois, como diz SOLÉ (1998):

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. (SOLÉ, 1998:72).

Assim, com a construção e compreensão do sentido do texto, incluídos ao conceito de leitura o processo de desenvolvimento desta tem um longo caminho a percorrer depois da alfabetização até chegar ao nível do leitor proficiente.

A leitura teve origem ainda nos primórdios da civilização, quando o homem buscava habilidades para tornar a vida em sociedade mais útil e mais feliz.

Fazia-se necessário que o homem criasse mecanismos para disseminar o seu conhecimento e, assim, conseguir a admiração e o respeito dos companheiros da tribo. Com isso surgiram as inscrições rupestres, a simbologia e, mais tarde, com o avanço das civilizações, os hieróglifos e as esculturas que mostravam a conquista do saber.

Através da leitura e da escrita o homem conseguiu estreitar os laços de afetividade com os seus semelhantes, harmonizar os interesses, resolver seus conflitos.

Com o desenvolvimento da linguagem, as mensagens humanas aperfeiçoaram-se e a busca do conhecimento tornou-se necessária para novas conquistas e para estabelecer o homem como ser social.

Na busca desse conhecimento, que se perpetua ao longo da história da civilização, pode-se perceber que quanto mais cedo o indivíduo iniciar, mais cedo obterá bons resultados. Nesse sentido, é relevante que o indivíduo desperte para o mundo da leitura ainda na infância que é considerada uma fase especial de evolução e formação do ser. Esse despertar tem início na vida da criança com os primeiros contatos desta com a leitura que, segundo CAGLIARI, ocorrem quando “os adultos lêem histórias para elas.” (1995:155).

Se atualmente a leitura é considerada de fundamental relevância para o desenvolvimento integral do ser humano e, por isso, tem gerado muitos questionamentos em relação ao tema, nem sempre foi assim. Por entre os meandros da história a leitura, e também a escrita, além de não ser motivo de prestígio, receberam, algumas vezes, ataques fervorosos e foram razão de muitas revoltas, mesmo em épocas em que a divulgação de textos era pequena e difícil, e apenas alguns privilegiados tinham acesso.

Como registro de alguns importantes ângulos desses ataques, pode ser citado o exemplo do pensador grego PLATÃO (apud CAGLIARI, 1995), que se revoltou contra a escrita e também contra a leitura por acreditar que ambas trariam o esquecimento às mentes, pois o pensador valorizava o discurso oral.

Além de PLATÃO (apud CAGLIARI, 1995) muitos outros se revoltaram, através dos tempos, contra a leitura e a escrita. Por trás dessas investidas encontram-se razões históricas, sociológicas e políticas que sustentavam as mais diferentes posições. Ou seja, na raiz de tais combates sempre aparece um fator ideológico.

Desde o surgimento da leitura até os dias atuais, diferentes sociedades estabeleceram diversos usos para a leitura ao longo da sua história.

Houve sociedades em que a leitura era privilégio de sacerdotes e governantes. Porém, aos poucos ela foi ganhando usos cotidianos, saindo das repartições do governo, altares e púlpitos de igrejas para os ambientes domésticos,

onde se lia e se ouvia ler textos diferentes daqueles que interessavam ao governo ou à igreja.

Com o advento da tecnologia chegou-se a pensar que os livros estavam prestes a desaparecer, dando lugar às transmissões eletrônicas. Porém, muitos acreditam que a imagem estimula a leitura e as duas interagem entre si na busca de respostas, sendo que a leitura e a escrita aliam-se ao cinema, à TV e ao vídeo, no intuito de captar e explicar melhor o mundo que se encontra em evidente expansão.

Porém, à escola e o tratamento que ela vem dispensando à questão da leitura, nas últimas décadas, percebe-se que existem concepções diferentes do que venha a ser a leitura e de como trabalhar com ela no âmbito escolar e também no que concerne às definições de leitor, texto e mesmo de livro.

Nas últimas décadas vem crescendo as exigências da sociedade pelo domínio da linguagem escrita, mais precisamente da leitura. É possível perceber essa demanda nas exigências que são colocadas para os profissionais à procura de emprego. Para concorrer a uma vaga em qualquer função exige-se que o candidato deve demonstrar domínio da língua portuguesa, que seja bom ouvinte e que tenha boa comunicação verbal e escrita.

A demanda pela leitura não é exclusiva do Brasil, mas uma questão mundial, que exige o domínio da linguagem escrita como condição para a produção e acesso ao conhecimento. A leitura é necessária para que seja possível o acesso a informações variadas nos meios de comunicação de massa, outdoors, cartazes, muros, placas informativas, folder, impressos de propaganda e até mesmo receitas médicas e bulas de remédios.

Porém, a importância e necessidade da leitura vão muito além do mundo do trabalho. É condição fundamental para a ampliação da participação social e exercício efetivo da cidadania.

Nesse sentido, um dos instrumentos indispensáveis para uma formação geral que possibilite cidadãos críticos, autônomos e atuantes, nessa sociedade em constante mutação, seria a prática de leituras variadas que promovam uma reflexão sobre o contexto social em que estão inseridos. Fracas experiências de leitura excluem o indivíduo do contexto social e cultural deixando-o alienado das informações e dos conhecimentos, impedindo-o de participar e atuar na sociedade.

A formação de leitores é necessária, considerando que a participação do indivíduo no contexto social depende de sua visão de mundo, de seus valores, de seus conhecimentos, de sua reflexão e visão crítica. E, segundo MARTINS (1989), *“... para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo (...) de uma vontade de conhecer mais”*.

1.3 – O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA

Muitos estudiosos são favoráveis à opinião de que a formação do leitor está muito mais ligada ao convívio familiar e às condições sociais do que à vida escolar.

... O leitor pré-existe à descoberta do significado das palavras escritas; foi-se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante. (MARTINS, 1989:17).

Nesse sentido, para que ocorra a transformação de um indivíduo em leitor é necessário haver interação deste com um ambiente alfabetizador, estabelecer contato com livros e literaturas diversas, e outros materiais de leitura, de acordo com seus interesses, vivenciar a audição de histórias narradas, relacionando suas histórias à realidade. Pois, *“... uma criança que é muito exposta a essas manifestações tem grandes vantagens na escola sobre aquelas crianças que não têm a mesma chance na vida”*. (CAGLIARI, 1989:156).

Segundo MARTINS (1989), os indivíduos apresentam maiores dificuldades na aquisição da leitura quando provém de ambientes pobres culturalmente e de relações sociais restritas.

De acordo com estatísticas internacionais, um leitor se forma, aproximadamente, até os catorze anos de idade, num processo que deveria ter raízes no lar, onde os pais deveriam ler histórias, lendas e poesias, colocando a criança em contato com livros adequados a cada fase. E, como os pais deixam de exercer esse relevante papel, a responsabilidade total com a formação de leitores

recai sobre a instituição escolar, onde o contato dos futuros leitores com material de leitura ocorre nas séries iniciais por intermédio da voz do professor, através das leituras que este realiza em sala de aula.

No entanto, para o livro não ficar esquecido logo que a criança deixa a escola e para a leitura se transformar em prática cotidiana é necessário que a leitura se torne uma necessidade.

É importante que a criança compreenda a função da leitura e o porquê de ela querer aprender. Para isso é necessário que todos os envolvidos com a aprendizagem (pais, professores) trabalhem continuamente no sentido de estimular e motivar a criança para que a prática da leitura se torne sólida e prazerosa.

Como diz BAMBERGER (1988): *“O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural”*. Com esse objetivo é importante que sejam oportunizados momentos freqüentes de leituras compartilhadas que permitam a troca de descobertas e o aprofundamento dos textos, possibilitando ao leitor lidar, de forma mais dinâmica e proveitosa, com as informações, conhecimentos e experiências de leitura e relacioná-las ou incorporá-las às suas experiências de vida. Pois, como diz COSTA (2006): *“... se aprende a ler lendo e observando como os outros leitores lidam com os textos e produz sentido”*.

Portanto, um indivíduo pode ser considerado um leitor proficiente quando é capaz de utilizar a linguagem escrita efetivamente em diferentes circunstâncias de comunicação; quando se apropria dos procedimentos de leitura característicos das diferentes práticas sociais das quais participa, de tal forma que os utiliza no processo de construção dos sentidos dos textos.

1.3.1 – A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

A família tem um papel de fundamental importância na formação do leitor, considerando que *“A visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler”*. (MARTINS, 1989:40). É através da leitura sensorial que a criança inicia sua relação com o

mundo que a cerca e aprende a fazer suas primeiras descobertas, suas primeiras escolhas.

É desde muito pequenas que as crianças devem ter contato com a linguagem escrita através de livros diversos, catálogos, revistas, jornais. A criança, além de ter acesso ao manuseio de material bastante diversificado de leitura, deve também estar envolvida em momentos onde os adultos lêem histórias, contos, lendas, poesias cabendo aos pais essa tarefa aliciante de inserir a criança no mundo da leitura.

É dentro desse contexto familiar que a criança constrói o reconhecimento progressivo da necessidade da leitura através da sua utilização, por um lado real, funcional e natural e por outro, o seu lado fantástico, lúdico, prazeroso.

Através das ações de manusear os livros e os adultos lerem as histórias, que deveriam começar na família, à criança vai desenvolvendo o gosto pela leitura, que se dá num processo contínuo que deve estar em constante estimulação por parte dos adultos, oferecendo às crianças oportunidades e desafios significativos. Nesse sentido SOLÉ (1998), diz que:

Desde muito pequenas, as crianças, constroem conhecimentos relevantes sobre a leitura e a escrita e, se tiverem oportunidade – isto é, se alguém for capaz de se situar no nível desses conhecimentos para apresentar-lhes desafios ajustados – poderão ir construindo outros novos, que cada vez estarão mais de acordo com o ponto de vista adulto. (SOLÉ, 1998:62).

A atenção redobrada da família para as questões que dizem respeito à leitura e ao desenvolvimento das habilidades básicas ligadas a ela contribui de maneira significativa para garantir o sucesso da criança. Porém, os pais serem leitores e servirem de modelo para a criança influencia fortemente na constituição e desenvolvimento do leitor proficiente.

1.3.2 – O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR

A responsabilidade com o desenvolvimento das competências específicas da leitura foi histórica e socialmente delegada à escola. Por isso deveria considerar a leitura a atividade mais importante a ser desenvolvida na escola, pois é

de uma boa competência leitora que depende o sucesso, não só de toda a vida escolar do indivíduo, mas também da sua participação ativa na sociedade. Pois, como afirma CAGLIARI (1995): *“A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”*.

Nesse sentido a escola, mais especificamente o professor, deve possibilitar à criança o contato com livros e textos diversificados desde a educação infantil, pois, a convivência com diferentes gêneros textuais aumenta a capacidade de distinguir e entender o seu funcionamento.

É imprescindível que o professor atue como mediador e chame para si a responsabilidade de graduar e introduzir textos cada vez mais complexos a partir de cada etapa vencida. E permanecer trabalhando com textos simplificados pode acarretar dificuldades futuras que venham a impedir o estudante do ensino médio de lidar satisfatoriamente com textos mais complexos como os científicos, técnicos, ou mesmo literatura de qualidade.

Para exercer esse papel tão importante de formador de leitores eficientes é imprescindível que o professor seja um leitor competente, conheça acervos, domine estratégias de trabalho com uma infinidade de textos. E tenha a consciência da importância dos textos, sejam eles em forma de livro ou não, e que demonstre, acima de tudo, gosto pela leitura, pois ele deve servir como um modelo para os estudantes em relação à construção do hábito de ler. Como diz SOLÉ (1998):

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos.

Para transformar o hábito de ler em um desafio apaixonante é necessário que a escola respeite a leitura de cada um e crie condições para cada criança realizar sua própria aprendizagem de acordo com os próprios interesses, necessidades, fantasias, de acordo com as dúvidas e exigências apresentadas pela realidade com a qual convive. Para isso é necessário e relevante que a escola

disponibilize ao estudante o contato com material de leitura significativo e variado, onde os alunos possam encontrar objetivos e fazer relações com os conhecimentos prévios.

SMITH (1999) reforça essa afirmação quando diz que: *“Um material que possui significado – que pode ser relacionado com aquilo que uma criança ou estudante já conhece – é essencial para o desenvolvimento das habilidades de leitura”*.

Além de disponibilizar materiais escritos variados é de suma importância também que a escola, desde cedo, envolva as crianças e as faça participar de situações de leitura. É necessário ler para elas muitos e bons textos dando-lhes oportunidades de conhecer e lidar com diversos gêneros, o que contribui para uma formação eficiente.

E, quanto mais for exercitada, por alunos e professores, a leitura e a compreensão dos textos, mais completa será a formação do leitor e maior será a preparação da comunidade escolar para exercer a cidadania.

1.4 - A LEITURA NA ESCOLA

Muitas crianças encontram na escola a única oportunidade de estabelecer contato com a linguagem escrita, por serem provenientes de um meio cultural pobre e com relações sociais extremamente limitadas. Outras já chegam à escola com certa bagagem de conhecimentos prévios adquiridos no meio familiar e social.

No sentido de atender as necessidades e expectativas das crianças que se nos encontram mais diversos níveis é imprescindível que as propostas de ensino da leitura devem se aproximar o máximo possível das práticas sociais de leitura vivenciadas fora da escola, pois, *“Fazer da escola um âmbito propício para a leitura é abrir para todas as portas dos mundos possíveis, é inaugurar um caminho que todos possam percorrer para chegar a ser cidadãos da cultura escrita.”* (LERNER, 2002:75).

De acordo com SOLÉ (1998) as propostas de ensino vigentes nas escolas devem ser revistas e repensadas, pois, da maneira que estão sendo

desenvolvidas estão contribuindo para aumentar o número de pessoas que mesmo tendo freqüentado a escola e aprendido a ler demonstram dificuldades para utilizar a leitura de maneira eficiente nas situações mais ordinária na qual a leitura se faz necessária.

Quando se fala em questões relacionadas à leitura na escola, geralmente se debate os métodos utilizados, a idade mais adequada para iniciar a aprendizagem da leitura e os aspectos que conduzem a uma leitura eficaz. Debates que muitas vezes são desprovidos de sentido por não estarem embasados em uma teoria sólida. Pois, os problemas do ensino da leitura não estão ligados ao método:

... Mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que são avaliadas pelas equipes de professores, do papel que ocupa no projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. (SOLÉ, 1998:33)

Restringindo a discussão apenas em torno dos métodos e da idade propícia para iniciar a instrução formal privilegia-se a decodificação em detrimento dos aspectos relacionados à compreensão e às estratégias que facilitam a aquisição da leitura.

Espera-se que no final do Ensino Fundamental os alunos sejam capazes de ler com autonomia textos adequados para sua idade e saibam fazer uso dos recursos, fazer inferências, suposições, que tenham preferências na leitura e capacidade de exprimir opiniões próprias referentes às leituras realizadas. Aprender a utilizar a leitura com fins de informação e aprendizagem é um objetivo importante no período de escolaridade.

Atualmente são dedicadas várias horas semanais ao trabalho da leitura nas escolas, mas na verdade, este trabalho consiste em uma seqüência de atividades que objetivam a realização de exercícios de gramática, o preenchimento de fichas resumos ou ainda responder questionários. Eventualmente preocupa-se em desenvolver atividades que visam a compreensão dos textos.

Esse fato é ainda mais preocupante nas etapas iniciais da leitura, onde grande quantidade de tempo é dedicada pelos professores para ensinar o código às crianças, até mesmo na Educação Infantil. Dessa forma, elas conseguem lidar com

textos adequados, mesmo com o apoio dos professores, é iniciado a mesma seqüência referida anteriormente, ler, responder perguntas e realizar exercícios de gramática e ortografia. Pouquíssimo tempo é dedicado às atividades para ensinar a compreensão. Até mesmo as intervenções realizadas pelos professores nas leituras realizadas pelos alunos estão basicamente voltadas para a avaliação do resultado.

As intervenções destinadas a desenvolver estratégias de compreensão como ativar o conhecimento prévio, estabelecer previsões e inferências, auto-questionar, resumir e sintetizar são pouco utilizadas.

A leitura deveria ser considerada prioridade na escola e ao invés de ocupar míseros minutos do tempo da aula, deveria ser a atividade mais importante a ser desenvolvida, pois *“... a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será a fonte de educação, com ou sem escola.”* (CAGLIARI, 1995:173).

1.4.1 – UMA ANÁLISE DA REALIDADE

Diante dos impasses tecnológicos e culturais do final do milênio, a Escola se revela como uma das instituições mais ameaçadas pelos novos rumos da sociedade. Espaço privilegiado do saber, a Escola mantém a escrita da palavra como texto básico no ensino, embora o mundo das imagens virtuais já faça parte da realidade de muitos alunos.

A velocidade das novas linguagens invadiu o cotidiano, atropelando o ritmo harmônico do aprendizado e, ao pretender sua atualização, a escola assimila o novo sem a devida reflexão. Ou seja, persiste num ritmo de leitura pouco apropriado à formação do pensamento crítico, com as informações e novidades sendo incorporadas de maneira aleatória, sem uma visão científica necessária para a construção do conhecimento.

Na pressa de estar em sintonia com as inovações, a Escola desconsidera o processo formador de aprendizagem, limitando-se a investir na circulação de imagens e deixando de observar a qualidade dos textos que oferece aos seus alunos como fonte de leitura no seu espaço. Dessa forma a Escola se

descompassa e, sem formar leitores críticos ou incutir o hábito da leitura, prepara mal o cidadão para um engajamento real na sociedade.

Nesta perspectiva, o exercício da leitura transcende, em muito, a utilização de materiais, muitas vezes empregados como modismos em sala de aula.

A formação do leitor impõe-se como prioridade a ser seguida, pressupondo a figura do professor como interlocutor ativo no diálogo da leitura, a fim de instigar e promover leitores que estejam à procura de respostas às suas indagações. E desconfiar dos sentidos das letras impostas por textos insignificantes, para, desta forma, encontrar nos livros, a fonte de sua sabedoria e inspiração, resgatando a história do conhecimento, tão necessária nos novos tempos, em que as mudanças são rápidas e atropelam o próprio saber humano.

Analizando os aspectos que envolvem a escola como principal responsável pela formação da competência leitora, percebe-se que ainda não existe nos currículos pressupostos que garantem uma articulação entre a prática social e a prática escolar da leitura.

Na primeira, ler é uma atividade orientada por objetivos ou propósitos de buscar informações necessárias para resolver situações impostas pela realidade no dia a dia, se informar ou apenas se divertir. Na segunda, a leitura está basicamente ligada ao livro didático, que tradicionalmente transmite um conhecimento fragmentado, alienado e alheio à realidade dos alunos. Ou seja, lê-se somente para aprender a ler, totalmente desvinculado do que as crianças fazem uso depois, fora do âmbito escolar.

Principalmente no que concerne à Educação Infantil e às séries iniciais, consideradas a base para as descobertas, constata-se que na maioria das escolas não existem critérios para o incentivo à leitura, e os livros didáticos são, muitas vezes. O único material de leitura os alunos dispõem para ler, resultando na absorção de um conhecimento parcial e limitado, o pouco contribui para a formação de leitores que estão à procura de respostas às suas indagações.

Isso faz com que as aulas de leitura terminem em mais uma das atividades de rotina em sala de aula, permeadas unicamente por textos fragmentados e insignificantes. Assim prevalece o processo mnemônico em detrimento de um processo construtivo da aquisição de conhecimentos e os alunos saem da escola sem terem desenvolvido plenamente as capacidades cognitivas.

Os conteúdos fragmentados que o jovem é forçado a assimilar, não o preparam para pensar e solucionar os problemas com os quais se depara cotidianamente enquanto cidadão, trabalhador, ou seja, enquanto ser social em todas as suas dimensões. Ao longo de vários anos de escolaridade os alunos vão sendo privados da formação de uma consciência crítica e, portanto, de uma compreensão mais real do mundo em que vivem.

Assim, a leitura compreendida em seu sentido amplo constitui-se em precioso instrumento de produção de conhecimento por possibilitar o contato do leitor com diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo. *“Por isso, a escola que não lê muito para seus alunos e não lhe dá a chance de ler muito está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos.” (CAGLIARI, 1995:150).*

A escola muitas vezes tenta alternativas para desenvolver a competência leitora de seus alunos dispondo de propostas equivocadas que, geralmente não surtem o efeito desejado e ainda transformam a leitura em uma prática mecânica. Quando isso ocorre, culpam-se os alunos taxando-os de problemáticos, carentes e incapazes. Muitos culpam os professores, a instituição escolar ou, ainda, a situação sócio-econômica.

Porém, de nada adianta procurar ou apontar os culpados. O mais importante é a busca de soluções cujo primeiro passo é a explicitação das causas do insucesso. Entre essas causas encontram-se as de nível sócio-econômico, político e cultural que, sem dúvida, têm grande interferência no processo de aprendizagem da leitura.

Mas existem causas que estão mais próximas do cotidiano escolar, relacionadas à questão de como se dá a leitura na escola. São causas de solução mais imediata, que dependem muito de compromisso e vontade para que o aluno se torne um leitor autônomo, dono de sua palavra, capaz de interagir com o meio em que vive. Para chegar a isso, é preciso refletir se as condições em que ocorre a leitura na escola são ou não favoráveis à formação de leitores.

É necessário que a escola reflita sobre sua prática em relação à leitura, considerando que os leitores contemporâneos demonstram perfis diferentes daqueles com que a escola vem trabalhando nas últimas décadas.

Ouve-se muito que a criança e o jovem não gostam de ler e discutem-se essas afirmações aleatoriamente, transformando-as em preconceitos difíceis de

serem revertidos. A maioria das crianças e dos jovens não gosta de ler na escola, já que os textos que são propostos não despertam interesse e prazer. São lidos mais por exigência de uma avaliação. Lêem para responder questões pouco interessantes, cujas respostas são exigidas e avaliadas pelo professor. Dificilmente a leitura vem ligada à satisfação.

Geralmente a escola tira do aluno a oportunidade de ler e sonhar, soltar as fantasias, dialogar com o texto e articulá-lo com a realidade. Dessa forma, a escola constrói, em vez de aprendizagem significativa, um campo de tensões e inseguranças, onde o aluno lê apenas para cumprir uma obrigação.

Segundo SMITH (1999), muito do que é feito na escola e também fora dela, por adultos bem intencionados, pode ter a consequência de tornar a leitura menos compreensível e mais difícil. Dentro deste ponto de vista, podem ser destacados alguns equívocos que são cometidos no intuito de acertar.

Muitas vezes espera-se que a criança tenha um domínio precoce das regras de leitura quando, na verdade, não existem regras específicas para fazer de uma criança um leitor. É somente através de práticas de leitura que a criança adquire os conhecimentos necessários, como identificar palavras à primeira vista, utilizar os conhecimentos prévios e do contexto, realizar previsões e inferências, procurar o significado, realizar leitura rápida e confiante.

A preocupação em ensinar regras de fonologia, letras e palavras, uma de cada vez, insistir na leitura perfeita de cada palavra, não estimular a adivinhação, insistir na precisão, corrigir erros imediatamente. Identificar e tratar leitores problemáticos o mais cedo possível, fazer uso de cada oportunidade de leitura para melhorar a ortografia e a comunicação escrita são equívocos que se cometem pensando em facilitar a aprendizagem da leitura e, no entanto, atrapalham transformando a leitura numa tarefa cada vez mais difícil e sem sentido. E, como diz LERNER (2002), *“o tratamento da leitura que costuma ser feita na escola é perigoso, porque corre o risco de “assustar as crianças”, quer dizer, distanciá-las da leitura, em vez de aproximá-las”*.

De acordo com SMITH (1999), apesar de a escola não poder ser vista como total responsável pelo grau de sucesso alcançado pelas crianças ao serem alfabetizadas, o que acontece na escola pode determinar se elas se tornarão leitores ou não e o papel do professor nesse sentido é fundamental.

Os professores devem facilitar e promover o ingresso da criança no mundo da leitura. Algumas crianças já chegam na escola membros desse mundo, pois já se consideram leitores, enquanto que outras entram na escola sem nenhuma experiência anterior de leitura. Ambas devem encontrar na escola muitas oportunidades para se envolverem em atividades de leitura significativas e úteis, onde é possível participar sem coerção ou avaliação. E, também, onde nenhuma criança é excluída.

Deixando de promover situações de leitura que tenham sentido para as crianças e que facilitem a sua aprendizagem a escola, e também o professor, está contribuindo para a não erradicação do analfabetismo e ajudando a garantir a divisão entre alguns que sabem e muitos que jamais virão, a saber.

1.4.2 - UMA PRÁTICA POSSÍVEL E TRANSFORMADORA

Considerando que a escola é uma instituição cuja missão fundamental foi - e continua sendo - a de ensinar a ler é necessário que encare o desafio de rever e transformar a prática que vem exercendo em relação ao tratamento dispensado à leitura.

Sabe-se que não é fácil articular os objetivos pessoais do aluno com os objetivos institucionais. É necessário que haja mudanças na maneira de organizar o tempo, procurando disponibilizar um tempo maior para as atividades de leitura, principalmente no sentido da compreensão dos textos; nas maneiras de controlar a aprendizagem, pois a exigência no preenchimento de fichas e questionários está tirando o prazer de ler e afastando o aluno do sentido da leitura; e de como são distribuídos os papéis do professor e do aluno em relação à leitura.

Realizar uma mudança significativa só é possível através de uma profunda reflexão crítica sobre cada tentativa de transformação realizada, contando com a colaboração de todos os professores empenhados na mesma tarefa.

A leitura que é vista apenas como um objeto de ensino pode ser transformada em objeto de aprendizagem à medida que passa a ter sentido para o aluno, cumprindo a função de realização de um propósito que ele conhece e

valoriza. É necessário articular a prática escolar da leitura com os diversos usos que ela tem na vida social.

No sentido de favorecer as crianças que lêem muito, pouco, ou nada, as propostas da escola devem estar voltadas a uma maneira de tornar a aprendizagem da leitura algo fácil, ou seja, tornar a leitura significativa, atraente, útil e uma experiência freqüente para as crianças.

No início da aprendizagem da leitura é importante promover situações em que um adulto, mais especificamente o professor, leia para as crianças. Esses momentos ajudam-nas a alcançar objetivos importantes como entender as funções da escrita, adquirir conhecimentos sobre a linguagem escrita e ter a chance de aprender. Esses objetivos são importantes para começar a aprendizagem da leitura e continuar aprendendo a ler. Dessa forma, a criança vai se conscientizando de que a escrita tem uma finalidade, vai se familiarizando com a linguagem escrita antes que possa ler sozinha e, acima de tudo, começa a resolver seus problemas de leitura.

Para reforçar essa visão, LERNER (20002) nos diz que *“essas condições devem ser criadas desde antes que as crianças saibam ler no sentido convencional do termo, e uma delas é que o professor assuma o papel de intérprete e os alunos possam ler através dele”*.

Mais interessante ainda que ler para as crianças é ler com elas. Lendo o mesmo texto ao mesmo tempo com o professor ou outro leitor adulto a criança vai tendo oportunidade de confrontar-se com palavras desconhecidas e problemas de leitura que a motivam a avançar na aprendizagem.

Quando se fala na importância da leitura para as crianças não se devem priorizar apenas os livros. A grande ênfase que a escola dá aos livros pode tornar-se um obstáculo para a leitura. É necessário que se tenha o cuidado de ler para as crianças e deixar que elas leiam os livros que realmente são interessantes para elas, que contenham rimas e histórias fascinantes.

A criança muitas vezes encontra mais significado e pode aprender mais sobre as bases da leitura fora dos livros, como em nomes e marcas de produtos ou em experiências mais próximas, como seu próprio nome, nome de seus familiares ou brinquedos. Através de oportunidades assim a criança vai gerando idéias e testando hipóteses que facilitam a aprendizagem da leitura, tornando-se esta tão natural como a aprendizagem da linguagem oral.

No entanto, é importante salientar que não é fácil para os professores trabalharem na sala de aula com a mesma diversidade de material escrito que existe no mundo externo, mas podem ser proporcionadas situações onde as crianças participem de experiências significativas e interessantes como ler, ou ouvir, com frequência histórias interessantes, organizar brincadeiras simulando situações do dia-a-dia.

Pode-se também trazer para a escola materiais impressos que tenham sentido para a criança como catálogos, listas telefônicas, cardápios, placas indicativas, mapas, cartazes. Muitos desses materiais podem ser reproduzidos pelas crianças. É importante que a escola promova essas situações de leitura porque pode ser a única forma de grande parte das crianças aprenderem como fazer uso desse material. Pois, é para compreender os diferentes tipos de textos que existem em vinculados no contexto social, que muitas famílias enviam seus filhos à escola.

Essa expectativa deve ser assumida e cumprida pela escola, através das ações docentes e das práticas curriculares. Essas ações e práticas devem resultar de uma observação crítica do que ocorre em sociedade. Através dessa observação crítica é possível delinear objetivos da prática de leitura voltados para a formação de leitores capazes, não de reproduzir ingenuamente a sociedade, mas de enfrentar suas condições e desafios.

A escola pode construir práticas de leitura coerentes com as exigências e expectativas da sociedade à medida que passar a selecionar, variar e seqüenciar os textos, oferecendo desafios cognitivos ao leitor. Os textos devem estar sempre à altura do repertório dos leitores permitindo, assim, que haja maior aprofundamento e compreensão.

A seleção dos textos requer cuidados especiais por parte dos professores, pois, textos superficiais ou fragmentados podem prejudicar a interpretação e a compreensão. É imprescindível nesse caso que o professor seja leitor, que tenha intimidade com os textos utilizados e que saiba justificar a sua utilização.

Práticas de leitura capazes de formar leitores proficientes não nascem do acaso, nem do autoritarismo, mas sim de uma programação envolvente e devidamente planejada, que incorpore as necessidades, as inquietações e os desejos dos alunos. É muito mais eficaz envolver o aluno de maneira democrática e significativa em situações de leitura do que, simplesmente mandá-lo ler.

É necessário, como diz GERALDI (1997): *“Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que se exclui por princípio, o prazer, me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de incentivo à leitura”*. Nesse sentido é fundamental que se respeite a caminhada do aluno enquanto leitor, descobrindo quais seus gostos e preferências para, então, ajudá-lo a selecionar o acervo mais adequado aos seus interesses.

É importante também que o professor dê ao aluno liberdade de escolha, considerando que o aluno pode ler por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título. É assim que se lê fora da escola: os livros ou matérias de revistas e jornais que se ouve falar por diferentes pessoas de diferentes relações. Fora da escola não se lê por obrigação ou a título de avaliação. E quanto mais leituras o professor propiciar ao aluno mais chances ele terá de realizar boas interlocuções com os textos. Isto é, *“A qualidade (profundidade?) do mergulho de um leitor num texto depende – e muito – de seus mergulhos anteriores. A quantidade ainda pode gerar qualidade”*. (GERALDI, 1997:99).

É fundamental que a escola deixe de pensar na leitura apenas com o objetivo de preencher fichas, responder questionários ou fazer provas e investir mais na leitura pelo prazer de ler. Com isso estará contribuindo para formar leitores que continuarão lendo mesmo depois de deixar a escola.

CAPÍTULO II

A VIVÊNCIA DE LEITURA: ANALISANDO A REALIDADE DA COMUNIDADE ESCOLAR

Neste capítulo são apresentados os resultados da pesquisa realizada com os pais, alunos e professores e as dificuldades encontradas durante a realização da pesquisa. Através de questionários diferenciados, cada segmento da comunidade escolar expressa o que pensa em relação à leitura, qual o grau de importância que esta ocupa no seu dia a dia, que tipos de textos são lidos, o tipo de material de leitura que têm acesso e quais são seus objetivos e interesses em relação à leitura.

2.1 – A PESQUISA NA ESCOLA

Na intenção de desvendar como a comunidade escolar vivencia a leitura no seu dia a dia, o que lê quais os objetivos que norteiam as situações de leitura, foi realizada uma pesquisa através de questionário envolvendo pais, alunos e

professores de primeira a quarta série do Ensino Fundamental da escola Carlos Drumond de Andrade, com questionamentos diferentes para cada segmento.

A realização dessa tarefa foi um tanto difícil, pois, a maior parte dos questionários distribuídos aos pais não retornou. Alguns alegaram não dispor de tempo para respondê-los e outros nem ao menos deram satisfação. Com isso, foi possível perceber o desinteresse da maioria dos pais em relação ao tema apresentado, numa clara demonstração de que a leitura é algo distante da realidade deles.

Já com os alunos o resultado foi melhor, talvez pelo fato de ter sido realizado na própria escola onde, na tarefa de entrega e recebimento dos questionários, foi possível contar com o auxílio do professor de cada turma.

Quanto à pesquisa realizada com os professores, pode-se dizer que também não foi tarefa fácil. Mesmo não sendo necessária identificação nos questionários, tem-se a impressão de que muitos se sentem receosos, com medo de se expor.

2.2 - ALUNOS E A LEITURA

A pesquisa realizada com os alunos envolveu um total de cento e setenta e sete alunos de primeira a quarta série do Ensino Fundamental, na faixa etária entre seis e dezesseis anos. Dos alunos que responderam o questionário 7% têm seis anos, 13,6% sete, 19,3% oito, 26% nove, 23% dez, 5,7% onze, 2,3% doze, 1,7% treze, 0,6% quinze e 0,6 dezesseis anos.

Quando questionados se gostam de ler, 98,8% responderam sim e apenas 1,2% responderam não. Quanto às leituras preferidas 38,3% preferem história infantil, 29% gibi, 18% outros como revistas, fichas de textos, parlendas, jornais, 5,1% preferem contos, 4% poesias, 2,9% livros de aventuras, 1,7% lendas e apenas 1,1% preferem romances.

De acordo com as respostas dos alunos, foi possível observar que, em todas as séries, ainda demonstram possuir um repertório bastante restrito de leituras realizadas. Os alunos que disseram preferir história infantil foram capazes de citar apenas uma única história das mais conhecidas como Chapeuzinho Vermelho,

Branca de Neve ou Os três porquinhos. Os que disseram preferir gibis citaram apenas um ou outro exemplar da turma da Mônica, o que leva a concluir que não conhecem outros. Da mesma forma, os alunos que citaram outros gêneros de leitura, ficaram restritos a somente um exemplar.

Foi questionado onde os alunos gostam mais de ler, se é em casa ou na escola. A maioria, 55,4%, disseram que preferem ler em casa alegando que é tranquilo, silencioso e têm mais tempo disponível, enquanto que na escola o tempo dedicado à leitura é pouco e ainda existe muito barulho que tira a concentração e prejudica o entendimento. 38,5% responderam que gostam mais de ler na escola porque tem uma quantidade maior de livros e ainda podem ir à biblioteca, quando a professora leva a turma, uma vez a cada quinze dias, onde os alunos dispõem de uma hora para ler os livros de seus interesses. Os outros 6,2% responderam que preferem ler em ambos os lugares.

Quando questionados se possuem em casa alguns materiais de leitura disponíveis, 88,7% dos alunos responderam que sim e 11,3% responderam que não tem nenhum material onde possam fazer suas leituras em casa. Dos alunos que disseram possuir material de leitura em casa, 27,4% só possuem o livro didático, 30% somente livros de história infantil, 5,1% gibis, 2,6% apenas a bíblia e clássicos bíblicos e 35% disseram ter disponível outros materiais como revistas, jornais, livros de contos e poesias. Porém, novamente foram capazes de citar apenas um exemplar de cada gênero, dando a entender que o material de leitura que têm disponível em casa é bastante escasso e que pouco contribui para uma formação leitora eficiente.

Ao serem questionados se existem momentos destinados à leitura na sala de aula, 100% dos alunos responderam que sim. Quanto às leituras realizadas, 20,9% responderam que são lidas somente histórias infantis, citando apenas Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e Os três porquinhos, demonstrando que não existe uma variação de títulos de histórias lidas, 5,1% disseram que lêem gibis, voltando a citar apenas a turma da Mônica, 1,1% lêem poesias, 0,65 lêem fábulas, 65,5% responderam que são lidos outros materiais como revistas, jornais, textos informativos, contos e, 6,8% responderam que só existe a leitura feita pela professora, mas não souberam dizer quais as leituras que são realizadas por elas.

Dos alunos que disseram ler material diversificado na sala de aula, a maioria deixou claro que existe na sala uma mini-biblioteca contendo esses materiais

e que os mesmos são utilizados para leitura depois que terminam as outras atividades. Ou seja, conforme os alunos vão terminando as atividades de escrita, podem dirigir-se até a mini-biblioteca para pegar o material disponível. Com isso, percebe-se que não são dedicados momentos exclusivos para situações de leitura onde os alunos possam ler os textos e socializá-los buscando uma compreensão mais profunda através da cooperação dos colegas e da mediação do professor.

2.3 – PAIS E A LEITURA

Na pesquisa realizada com os pais foram entregues um total de cento e quarenta e cinco questionários dos quais apenas setenta e dois retornaram respondidos. Desse total 48,6% dos pais cursaram até a quarta série do Ensino Fundamental, 27,8% cursaram entre a quinta e a oitava série, 19,4% entre o primeiro e o terceiro ano do Ensino Médio e 4,2% possuem Nível Superior incompleto.

Ao serem questionados se fazem uso da leitura no seu dia-a-dia, 80,5% responderam que sim e 19,5% responderam que não. Dos pais que responderam sim, 51% disseram que usa a leitura para adquirir conhecimentos, 32,8% lêem para se informar, 5,2% para ensinar os filhos, 5,2% para desenvolver a mente e 5,2% usam a leitura somente para fazer os trabalhos da escola, no caso dos pais que ainda são estudantes.

Analisando as respostas dos pais é possível perceber que a maioria deles não tem objetivos claros para orientar a leitura, pois, não a utilizam para suprir uma necessidade na sua vivência diária.

Questionados se gostam de ler, 94,4% responderam que sim e 5,65% disseram que não gostam. Quanto às preferências de leitura, dos pais que disseram gostar de ler, 10,3% responderam que lêem a bíblia, 10,3% lêem livros, mas não citaram o gênero de leitura e 79,4% disseram que lêem outros materiais como revistas, jornais, panfletos. Porém, a maioria das revistas citadas foram as de novela e a maioria dos jornais citados foram os jornais de horóscopo ou os de cunho religioso.

Foi perguntado também se têm algum material de leitura em casa onde possam realizar suas leituras e incentivar os filhos a ler. A maioria, 93%,

responderam que sim e apenas 7% disseram que não possuem nenhum material de leitura disponível em casa. Dos pais que responderam sim, 14,9% disseram possuir apenas a bíblia, 14,9% somente livros didáticos e 70,2% disseram possuir outros materiais, como revistas, jornais, enciclopédias e dicionários.

Quando foi perguntado se consideram a leitura importante na vida de uma pessoa, 98,6% responderam que sim e 1,4% disseram que não. Dos pais que responderam sim, 69,1% consideram a leitura importante porque ela traz novos conhecimentos, 19,6% disseram que a leitura ajuda a desenvolver a mente e 11,3% disseram que a leitura é importante porque ajuda a pessoa a se manter informada.

Ao serem questionados se podiam citar um livro ou uma leitura que foi marcante para eles, 75% dos pais disseram que sim e 25% disseram que não. Dos pais que responderam afirmativamente, 29,6% citou a bíblia, 37% livros de ficção ou aventura, 18,6% livros didáticos, 5,6% livros de espiritismo, 5,6% de medicina natural, 1,8% de auto-ajuda e 1,85 livros de romance.

Nas respostas dos pais em nenhum momento foi dito que usam a leitura para buscar orientações ou suportes para solucionar problemas enfrentados nas suas vivências diárias, seja no trabalho ou nas relações sociais.

2.4 – PROFESSORES E A LEITURA

Na pesquisa realizada com os professores foram entregues doze questionários e somente sete retornaram respondidos. Sabe-se que é uma quantidade extremamente pequena para que seja realizada uma análise satisfatória de como as questões de leitura são tratadas pelos professores na sala de aula. Porém, mesmo através de uma pequena amostra é possível chegar a alguns dados.

Dos sete professores que responderam ao questionário, cinco são formados em Pedagogia, sendo que um tem pós-graduação em Alfabetização e um em Psicopedagogia, um está cursando Normal Superior e um é formado em Magistério (nível médio).

Quanto ao tempo de atuação nas séries iniciais, as respostas indicaram variação de quatro a vinte e seis anos de experiência.

Questionados sobre o que lêem normalmente, todos disseram que lêem livros didáticos, revistas, jornais, textos, apostilas, porém admitem que não leiam com muita frequência.

Em relação às leituras realizadas para preparar as aulas, um professor disse que lê somente os livros didáticos, dois disseram que lêem livros didáticos, jornais e histórias infantis. Um professor citou apenas a revista Nova Escola e três professores disseram que lêem, além dos livros didáticos, outras leituras escolhidas por eles, como jornais revistas livros de diversos autores que tratam de assuntos relacionados à sala de aula.

Quando questionados se tem costume de ler nas horas vagas e que leituras fazem, dois professores disseram não ter o hábito de ler, dois disseram que lêem revistas, jornais e textos informativos, um professor disse que lê livros de auto-ajuda e dois disseram ter o hábito de ler leituras obrigatórias dos cursos que estão fazendo e também revistas de atualidades.

Em relação à quantidade de leituras realizadas, quatro professores se consideram leitores medianos e três se consideram leitores que lêem pouco, sendo que todos indicaram a falta de tempo como a causa que impede a leitura, alegando que o trabalho, a casa e a família exigem muito e não sobra tempo para uma dedicação maior à leitura.

Um professor disse ainda que junto com a falta de tempo possa ser acrescentada a falta de incentivo por parte da família e dos professores, na época em que ainda era estudante. No entanto, todos percebem a necessidade e a importância da leitura para eles enquanto professores, no sentido de prepararem melhor as aulas e incentivarem os seus alunos no hábito da leitura.

Respondendo à questão “que tipo de textos você trabalha com seus alunos e de onde são tirados”, todos os professores disseram que utilizam textos diversificados como informativos, lendas, parlendas, poesias, poemas, contos, músicas, receitas, fábulas, biografias e que os mesmos são tirados dos livros didáticos, revistas, jornais, e algumas vezes da internet.

Quando questionados sobre o que consideram saber ler, em relação aos seus alunos, todos os professores disseram que é ter fluência e rapidez na leitura e compreender o texto.

Sobre a questão “qual a sua concepção de leitura”, os professores responderam da seguinte forma:

- A leitura nos faz crescer cada vez mais, através dela ficamos informados da realidade à nossa volta e do mundo.
- Interpretação, criatividade, argumentação e inteligência.
- Informação, prazer, ampliação do conhecimento.
- Não importa como lê o que importa é o entendimento do que leu, claro quando a leitura é feita só para o leitor.
- Fonte de conhecimento.
- A leitura é à base do conhecimento, tanto informativo quanto do desenvolvimento psíquico e social do ser humano.
- Ler é um processo onde captamos informações e enviamos para o cérebro decodificando as mesmas e atribuímos significados a partir dos conhecimentos prévios que já possuímos. Ler é conhecer o mundo.

Todos os professores disseram ter noção de que a maioria dos alunos provém de ambientes onde não são estimulados a ler, pois isso se reflete na sala de aula. Os poucos alunos que vivem em ambientes onde a leitura faz parte das atividades diárias da família, ou seja, em um ambiente de leitores, apresentam leitura fluente e melhor compreensão dos textos.

Quando foi questionado se podiam citar uma leitura que tivesse sido marcante para eles, seis professores disseram que sim e apenas um professor respondeu que não. As leituras citadas foram: “A Normalista”; “O Mundo de Sofia”; “Cinderela” (lida pela mãe na infância) e “O Pequeno Príncipe”; “Se a Escola Boa é a Que Reprova, Hospital Bom é o Que Mata” e o texto “Nóis mudemo”.

Nenhum professor conseguiu lembrar de alguma leitura interessante que estivesse realizando no momento da pesquisa. O que reforça a idéia que a leitura é pouco presente ou significativa em suas histórias de vida pode estar contribuindo para dificultar a formação de alunos leitores ativos e eficientes que consigam transitar pelos diversos textos que circulam socialmente como têm demonstrado os dados das avaliações feitas nos diferentes níveis da educação no Brasil. Como dizem os estudiosos do assunto, não há leitura quando o professor não é um leitor, mesmo quando a sala de aula está cheia de livros e de outros materiais de leitura.

Dos sete professores pesquisados, três responderam que são assinantes de algum material de leitura como as revistas Nova Escola, Mundo

Jovem, Seleções, Amiguinho, Vida e Saúde. Os outros quatro professores responderam que não são assinantes de materiais de leitura. Esse fato ajuda a constatar o que os professores já haviam deixado claro nas respostas anteriores, que não são leitores assíduos, e que as leituras realizadas são basicamente para preparar as aulas.

CAPÍTULO III

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Este capítulo apresenta uma análise reflexiva sobre as práticas de leitura demonstradas pela comunidade escolar pesquisada. Nesta análise aborda-se o que é possível detectar em tais práticas e de que maneira estas podem influenciar na aprendizagem da leitura, visto que o papel da família, da escola e do professor é fundamental no processo de formação do leitor.

3.1 – BREVE REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA

Analizando a prática de leitura dos alunos das séries iniciais dá para perceber que, ao contrário do que se apregoa normalmente na fala dos professores, a maioria dos alunos gosta de ler e isso pode ser considerado um passo importante rumo à constituição de leitores eficientes.

Entretanto, quando os alunos falam das leituras preferidas, é possível perceber que o repertório e os interesses dos alunos ainda são muito restritos e não variam muito da primeira para a quarta série.

A maioria dos alunos que lia Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e Os Três Porquinhos na primeira série, continua lendo as mesmas histórias na terceira e quarta série e quem lia os gibis da Turma da Mônica também continua lendo os mesmos gibis nas séries posteriores, demonstrando que não ocorre uma gradação de leituras de acordo com a progressão dos alunos. Isso é um fato preocupante na formação de leitores, pois, se o aluno está em contato sempre com as mesmas histórias, os mesmos textos, conseqüentemente, a sua capacidade lingüística e interpretativa tende a ficar restrita.

Outro fator preocupante em relação á formação de leitores é a constatação de que a maioria dos alunos pesquisados prefere ler em casa e não na escola. Pode-se perceber, com isso, que a escola está negligenciando o seu papel na formação de leitores, utilizando maneiras equivocadas de trabalhar com a leitura, que não despertam o interesse do aluno e, menos ainda, o prazer de ler, que está sendo suplantado pelas atividades mecânicas e destituídas de sentido.

Considerando que a maioria dos alunos possui em casa escasso material de leitura e muitos possuem apenas o livro didático e a bíblia, é de se estranhar que a maioria prefere ler em casa. Essa afirmação demonstra que a escola não está sendo capaz de proporcionar situações prazerosas de leitura, que envolvam o leitor e que estimulem o hábito de ler.

É importante que a escola saiba que não basta dispor de livros e materiais diversificados de leitura. É preciso também criar e organizar situações nas quais o aluno se envolva por interesse e prazer de participar, sem sentir-se coagido ou obrigado. Pois, o sentimento de coação ou obrigação afasta o aluno da leitura e, conseqüentemente, do conhecimento e das chances de se tornar leitor proficiente.

A escola precisa preparar-se para investir em situações de leitura que sejam capazes de desenvolver “... esse comportamento leitor: fazer com que os estudantes se tornem leitores autônomos e busquem novos livros, só pela curtição de viajar em suas páginas.” (BENCINI, 2003:33). Dessa forma, e também oportunizando a entrada de materiais e textos que são usados fora dela, a escola estará exercendo o seu papel na formação de leitores assíduos e interessados, com oportunidade de desenvolver o senso crítico.

Analisando a prática de leitura dos pais verifica-se que, apesar de a maioria possuir nível de escolaridade baixo, 94,4% disse que gostam de ler. Essa afirmação vem novamente contrariar o preconceito de que a maioria dos indivíduos não gosta de ler.

O que é possível perceber pelas leituras realizadas é que, mesmo alegando fazer uso da leitura no dia-a-dia, a maioria dos pais não tem objetivos claros e não usa a leitura para o crescimento pessoal ou para resolver problemas que a realidade lhes impõe. Lêem aleatoriamente porque consideram a leitura importante para a vida das pessoas.

Muitos pais possuem material de leitura em casa e, embora não sendo possível dizer se é ou não material apropriado, que possa contribuir para a formação de leitores, as crianças têm certo contato, apesar de serem pouco estimuladas pela família. Entretanto, existem famílias que não gostam de ler, que não consideram a leitura importante e que não têm nenhum material de leitura disponível em casa. As crianças que provém desses ambientes dependem exclusivamente da escola para despertar o gosto e desenvolver hábitos de leitura.

Na prática de leitura dos professores dá para perceber que a maioria não tem a leitura como lazer e as leituras cotidianas são quase que exclusivamente para preparar as aulas. Eles próprios reconhecem que suas práticas de leitura são insuficientes, principalmente por considerar que pelo fato de exercer a docência o professor precisa estar sempre lendo para poder planejar as suas aulas. E também pelo entendimento de que para se formar leitores e despertar o gosto pela leitura são necessários, antes de tudo, ser um leitor e ter prazer pela leitura. Pois, se o professor não tiver o hábito de ler, terá imensa dificuldade de formar o hábito de ler nos seus alunos. Mesmo tendo essa visão, as respostas mostram que a prática dos professores é outra.

É possível perceber a prática insuficiente de leitura dos professores quando eles falam das leituras realizadas para planejar as aulas. Poucos professores dizem ler materiais diversificados ou autores variados. Muitos ainda ficam restritos aos livros didáticos, apesar de já possuírem uma formação superior, condizente com a série em que atuam.

Até mesmo os professores que dizem ler nas horas vagas ocupam-se de leituras relacionadas à preparação de aulas ou como atuar em sala de aula. Não existem momentos dedicados à leitura como fonte de prazer ou divertimento. É

possível perceber isso também nas assinaturas de revistas que alguns professores fazem. São revistas basicamente relacionadas com assuntos de sala de aula. E, se o professor não tem na leitura uma fonte de prazer, conseqüentemente deixará de transmitir isso ao aluno que, por sua vez, não irá encontrar prazer na leitura pelo fato de não ter recebido orientações adequadas, nem na família, nem na escola.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho foi possível entender que a leitura é fundamental na vida do indivíduo por ser instrumento que permite conhecer, interpretar, interagir e interferir de maneira consciente na sociedade. Através da leitura o indivíduo se informa, se atualiza, enriquece os conhecimentos, aprimora o vocabulário e a capacidade da comunicação escrita.

Aprender a ler é uma experiência marcante na vida de qualquer pessoa. Para a maioria delas essa experiência acontece quando ingressa na escola, enquanto que para algumas é possível ocorrer ainda antes disso. Porém, para que ocorra a aprendizagem da leitura, é necessário que a criança conviva em um ambiente propício, onde os adultos sejam leitores ou disponibilizem materiais apropriados de leitura porque, como diz SMITH (1999): *“Iniciamos a aprendizagem da leitura na primeira vez que temos qualquer idéia da escrita, e aprendemos algo sobre leitura cada vez que lemos”*.

É importante que se tenha consciência de que a aprendizagem da leitura deveria ter início ainda no lar, onde os pais deveriam ler para os filhos mostrando-lhes a importância e o prazer de ler. Mas, como isso raramente ocorre,

cabe à escola esse papel tão importante de estimular a leitura em meio a tantas mudanças tecnológicas e sociais.

Nessa perspectiva, a escola precisa estar preparada para promover situações interessantes de leitura, oferecer muitos e variados textos de qualidade, que despertem o interesse dos estudantes. E os leve a encontrar objetivos, sejam eles busca de novas informações ou divertimento, melhorar as estratégias de compreensão e, acima de tudo, trazer para dentro da sala de aula textos e portadores de textos que estão presentes no dia-a-dia dos alunos fora da escola, para que eles reconheçam o funcionamento social e pessoal da língua escrita.

No processo de aprendizagem da leitura, o professor tem papel imprescindível. Ele é um elemento impulsionador e mediador da leitura e deve criar em sua sala de aula condições para que seus alunos possam ler.

Para exercer esse papel, o professor deve ter consciência do processo de aquisição da leitura para poder auxiliar os seus alunos na prática de estratégias que os auxilie na compreensão e interpretação dos textos.

Deve também ser um leitor que demonstre gosto pela leitura, pois, assim terá melhores condições de divulgar a leitura e formar leitores, como também, selecionar e indicar acervos interessantes e desenvolver diferentes processos e estratégias de acordo com a situação e o objetivo da leitura.

É necessário também que se busque maneiras de resgatar o prazer de ler fazendo com que o aluno encare o ato de ler sob um novo ângulo, que não seja o da simples obrigação e sinta curiosidade e necessidade de se adentrar nos textos para melhor compreendê-los e relacioná-los com as suas experiências de vida.

Despertar no aluno a consciência da importância da leitura para a construção integral do indivíduo e o interesse deste em buscar na leitura suporte para resolver situações do dia-a-dia é fundamental para que o mesmo continue lendo mesmo depois de deixar a escola e esta terá cumprido seu papel na formação da competência leitora.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1988.

BENCINI, Roberta. **Compreende, eis a questão!** Revista Nova Escola. Nº 160, p. 48-49, mar. São Paulo: Abril, 2003.

_____. **Todas as leituras**. Revista Nova Escola. Nº 194, p. 31-37, ago. São Paulo: Abril, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. 8. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

CARDOSO, Beatriz; EDNIR, Madza. **Ler e escrever, muito prazer!**. São Paulo: Ática, 1998.

COSTA, Marta Moraes da. **O professor e a leitura, a semeadura no campo da história**. Revista Aprende Brasil. Nº 09, p. 08-10, fev/mar. Curitiba: Positivo, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley. (org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KAZEN, Sandra. **Leitura e sucesso escolar**. In: www.fdc.br. Acesso em 25/04/2006.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1992.

LERNER, Delia. Trad. Ernani Rosa. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Habilidade com a leitura e a escrita**. In: www.vivaleitura.com.br. Acesso 02/10/2006.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. Trad. Beatriz Afonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

VIOTTO, Adão Jildo; ALVES, Eduardo Oliveira. **Leitura versus conteúdo**. In: www.vivaleitura.com.br. Acesso em 22/04/2006.

ZENTI, Luciana. **Ler é o maior barato**. Revista Aprende Brasil, nº. 09, p. 29-30, fev/mar. Curitiba: Positivo, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO: ALUNOS / LEITURA

1 – Em que série estuda?

2 – Qual é sua idade?

3 – Gosta de ler? Quais suas leituras preferidas?

4 – Onde você mais lê, em casa ou na escola? Por quê?

5 – Em sua casa tem material de leitura disponível? Quais?

6 – Em sua sala de aula existem momentos de leitura? Que leituras são feitas?

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO: PAIS / LEITURA

1 – Qual sua escolaridade?

2 – Faz uso da leitura no dia-a-dia? Para que?

3 – Gosta de ler? Que material? (livros, revistas, jornais, outros)

4 – Tem em casa algum material de leitura? Quais?

5 – Considera a leitura importante na vida de uma pessoa? Por quê?

6 – Pode citar um livro ou uma leitura que foi marcante pra você?

ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO PERTINENTE A DOCENTES / LEITURA

- 1 – Qual a sua formação?
- 2 – Há quanto tempo trabalha com as séries iniciais?
- 3 – O que você lê normalmente? Com que frequência?
- 4 – Que leituras você faz para preparar suas aulas? Quais autores? São leituras indicadas por quem? (pela escola ou escolhidas por você mesmo)
- 5 – Você tem costume de ler nas horas vagas? Que leituras você faz? Qual a periodicidade?
- 6 – Você se considera um leitor que lê pouco, muito ou mediano? Por quê?
- 7 – Que tipo de textos você trabalha com seus alunos? De onde são tirados?
- 8 – Em relação aos seus alunos, o que você considera saber ler?
- 9 – Qual sua concepção de leitura?
- 10 – Você tem noção se seus alunos vêm de um ambiente onde são estimulados a ler ou não?
- 11 – Você pode citar um livro ou uma leitura que o marcou?
- 12 – É assinante de algum material de leitura? Qual?